

***HOMENAGEM PÓSTUMA AOS 100 ANOS DE NASCIMENTO DE MEU  
AVÔ EDMUNDO***

*Edmundo Brandão Dantas*

Hoje eu já sou um quarentão meio abatido  
e tenho um computador.  
Minha família pulsa porém em mim,  
como se eu fosse criança,  
no colo de meu avô.

Cem anos, meu velho, você faria,  
se em 1994, nestes duros dias,  
ainda estivesse entre nós.  
Quem sabe, talvez, você não esteja?  
Era tão festeiro, tão família,  
na dimensão das almas  
talvez ainda não seja?

Eu sinto você aqui, entre nós,  
mas só sinto.  
Deus não nos deu o dom de ver os espíritos,  
mas eu lhe pressinto:  
comendo a comida dos anjos,  
bebendo do vinho dos santos,  
erguendo um brinde a você mesmo,  
com nossos entes e amigos queridos,  
bem aí, do outro lado da vida,  
e, ao mesmo tempo, aqui.

Cem anos, meu velho, você faria,  
se pudesse esticar seu período entre nós  
mais um pouquinho.  
Estamos aqui, comemorando sua bondade,  
suas lições importantes,  
a honra de poder ostentar o seu nome.

Quando Caxambu nasceu como cidade  
você já tinha sete anos!  
Que honra deve ter sido ver nascer uma cidade  
que se amaria durante toda uma vida!  
Ah, como eu gostaria, meu avô!

De todas as coisas boas que você nos ensinou,  
o amor por Caxambu é a que mais me toca.  
Não sei o que há nessa cidade, que me faz  
perder o rebolado, que me faz sonhar voltar um dia,  
mas que vejo cada vez mais distante de mim  
nessas horas estressantes de Brasília.

Sabe, meu avô, onde quer que você esteja,  
seu neto moreno sente sua falta.  
Quero o seu aval nessa vida maluca  
de executivo, que faz projetos  
com patriotismo, para o País mais lindo do mundo,  
enquanto há tantos brasileiros a macular sua honra.

Acho que foi você que me ensinou a amar o Brasil.  
Mesmo que não tenha havido uma aula formal.  
Nos seu atos, no seu amor pela família,  
na sua integridade, creio que aprendi a ser filho,  
irmão, neto, pai, marido, e todas essas  
hierarquias familiares a que a vida nos submete.  
Principalmente, brasileiro.

Queria lhe dedicar um brinde  
e que ele seja partilhado desse cálice de nuvens  
por meus avós que estão aí, com você, por minha mãe,  
por todos os nossos amigos que, certamente,  
estão a seu lado.

Hoje tem festa na terra.  
Cem anos do corpo, que já se foi,  
do velho Edmundo.

Eu, outro Edmundo, vou comprar uma garrafa  
de bom vinho alemão, e comemorar.  
Talvez eu cante um "parabéns pra você"  
meio surdo-mudo numa de minhas orações.  
Gostaria imensamente de abraçar-lhe  
neste dia.

O que não tem jeito, por uma incompatibilidade  
de dimensões.

Hoje sou um quarentão meio abatido,  
e tenho um computador.

Mas não posso abraçar o meu avô.

Brasília, julho de 1994.  
Cem anos do Vô Edmundo.